

Valor Econômico, 08 de junho de 2020

## **Morre Carlos Lessa, ex-presidente do BNDES**

*Economista foi reitor da UFRJ e, no banco de fomento, lutou para manter o controle nacional na Vale*

Por: Redação

O economista Carlos Lessa, ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e ex-reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), morreu na manhã de sexta-feira passada, no Rio de Janeiro, aos 83 anos. Lessa, que foi colunista do Valor, enfrentava problemas de saúde desde o ano passado e contraiu covid-19. O economista foi um dos principais nomes do desenvolvimentismo no país.

Carlos Francisco Theodoro Machado Ribeiro de Lessa nasceu no Rio, em 30 de junho de 1936 em uma família de classe média-alta e herdou de seu pai e de seu avô um respeitável patrimônio que soube multiplicar. Era casado há 60 anos com Martha, com quem teve três filhos (Rodrigo, Pedro e Tereza, que lhe deram três netos).

Formou-se em economia, em 1959, na Universidade do Brasil, no Rio e logo depois decidiu fazer o Curso do Conselho Nacional de Economia, onde foi aluno de microeconomia de Mario Henrique Simonsen. No curso, acabou convidado a tornar-se professor. Na primeira turma que recebeu, teve como aluno João Paulo dos Reis Velloso, ex-ministro do Planejamento. Depois, foi professor do próprio Simonsen.

Nos anos 70, deixou o país para fugir da repressão e morou no Chile, onde deu aula no Instituto de Planejamento Econômico e Social ao lado do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Também foi professor na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), órgão da ONU, lecionou no Instituto Latino-Americano e do Caribe de Planificação Econômica e Social, também órgão da ONU, e em outras instituições no Chile, Nicarágua e El Salvador.

Na Cepal, trabalhou com Maria da Conceição Tavares, que havia conhecido ainda no curso de graduação e que foi uma das grandes amigas de Lessa. A economista divulgou um comunicado em que afirma ter perdido “um grande amigo” e um “grande brasileiro”.

“Cabeça ampla e generosidade marcaram meu relacionamento com ele. Sempre foi um professor engajado na luta pelo desenvolvimento e pela democracia”, disse.

Desde 1978, Lessa esteve ligado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) como professor-titular do Instituto de Economia (IE) e professor da Coppe, entre 2001 e 2006. Entre 1985 e 1989, no governo de José Sarney, foi indicado para ser o primeiro diretor da recém-criada área social do então Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE), que passaria aí a incorporar o “S” à sua sigla. Em 1990, enfrentou problemas cardíacos e um câncer que o deixaram fora de cena durante sete anos, período em que passou por três cirurgias e parou de fumar.

Restabelecido, foi eleito no fim de 2002 para o cargo de reitor da UFRJ. Em apenas cinco meses de gestão, realizou suas metas de convocação dos colegiados superiores da instituição; distribuiu bolsa-auxílio aos estudantes de baixa renda e lançou o primeiro portal da UFRJ. Fundou ainda o bloco carnavalesco “Minerva Assanhada”, integrado por funcionários e alunos.

A UFRJ lamentou a morte de Lessa e afirmou que ele “defendeu a necessidade do retorno à normalidade institucional, sobretudo pelo respeito às decisões dos colegiados e às instâncias administrativas”.

Foi convidado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva para presidir o BNDES, a função mais polêmica de sua vida pública. Lessa foi indicado por Celso Furtado e Maria da Conceição Tavares e comandou o BNDES nos dois primeiros anos do governo Lula. No banco, trabalhou para retomar o perfil de fomento da instituição, que segundo ele, estava se tornando um banco de investimento, sob o comando de “neoliberais”. Colocou na vice-presidência seu amigo e também nacionalista ferrenho, Darc Costa, ex-professor da Escola Superior de Guerra (ESG). “Era um excelente professor, um dos maiores economistas que o Brasil já teve. Passou a vida preocupado com a defesa do nacionalismo.”

No BNDES, a maneira com que Lessa e Costa comandaram a instituição gerou questionamentos. Uma das lutas de Lessa foi para manter o controle nacional na Vale. O também economista Ernani Torres, que era superintendente do BNDES, lembrou que à época a operação foi criticada, mas acabou se mostrando acertada. “Todos diziam que o BNDES havia comprado caro, mas o banco gerou milhões em resultado. Ele teve tino, percebeu a onda que se avizinhava com o avanço da China e o boom das commodities como o minério de ferro”, disse Torres.

Acabou deixando o banco devido às divergências com o então ministro do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan - a cuja pasta do BNDES estava subordinado - e com o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles.

O economista e amigo Luiz Gonzaga Belluzzo foi mais um a elogiar o caráter e a capacidade de Lessa. “Tive convivência longa com Lessa, e o que registro como peculiar era sua condição de homem universal”, afirmou Belluzzo.

Após de deixar o BNDES, voltou a assessorar o PMDB. Nos últimos anos se dedicou reformar imóveis antigos no Rio, principalmente no centro, e transformá-los em restaurantes ou casas de eventos.

Link original: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/06/08/morre-carlos-lessa-ex-presidente-do-bndes.ghtml>